

I CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRAPUI

Simpósio: A Lingüística de Corpus nos Estudos da Linguagem

Lingüística de Corpus e Análise Literária

Profª Drª Lourdes Bernardes Gonçalves – U.F.C.

A abordagem da Lingüística de Corpus se realiza por meio de ferramentas computacionais e nos permite trabalhar com um grande número de textos de forma estatística. É uma metodologia que abre ao pesquisador novas formas de se estudar o texto. No caso da análise literária, as ferramentas *KeyWords* (Palavras-chave) e *Concord* (Concordância) são especialmente úteis. Utilizamos neste trabalho essas ferramentas, disponibilizadas pelo programa *WordSmith Tools*, versão 3, de Mike Scott (1996).

A ferramenta *KeyWords* pode comparar um *corpus* de estudo com um *corpus* de referência, ambos montados de acordo com as especificações do pesquisador, e apontar as palavras que aparecem com maior ocorrência, proporcionalmente, no *corpus* de estudo. Essas são as palavras-chave, que podem ser consideradas como bons indicativos de linhas temáticas ou estilísticas. Na nossa pesquisa, selecionamos como *corpus* de estudo a obra *Dubliners* (1914), uma coletânea de 15 contos de James Joyce, um *corpus* de 67.936 palavras. Compilamos então um *corpus* de referência (212.591 palavras) composto de contos de Katherine Mansfield, D. H. Lawrence e Virginia Woolf, contemporâneos de Joyce; escolhemos esses autores para eliminar possíveis interferências de diacronia e decidimos por contos para eliminar quaisquer diferenças particulares a gêneros textuais. Outros critérios, que não cabe discutir aqui, ainda contribuíram para a escolha do *corpus* de referência e é preciso notar, é claro, que várias outras compilações seriam possíveis.

Há na lista de palavras-chave uma variável chamada *keyness*, traduzida por ‘chavicidade’, que dá a medida em que uma palavra é característica do *corpus* de estudo, em relação ao *corpus* de referência. Trata-se de um resultado estatístico obtido quando se compara as listas de palavras (com a ferramenta *WordList*) dos dois *corpora*, utilizando-se as fórmulas estatísticas do qui-quadrado ou *log-likelihood* (BERBER SARDINHA, 2004:104).

Um exame da lista de palavras apontou a palavra *she* como a de maior chavicidade negativa; isto é, a presença de *she* no *corpus* de estudo (*Dubliners*) é notadamente escassa. Para se ter uma idéia de quão escassa, basta considerarmos que uma palavra de chavicidade negativa 4 já é dada como estatisticamente

abaixo do que seria esperado num texto não-marcado. Ocorre que a chavicidade negativa de *she* foi de 376,6. Esse fato nos sugeriu algumas questões. Em primeiro lugar, apesar de que, dos quinze contos de *Dubliners*, cinco tenham uma mulher como personagem central, a mulher pode não ser o foco específico dessa obra de Joyce, o que não implica uma atitude anti-feminista do autor. Em segundo lugar, não há uniformidade nos comentários de que o mundo da obra seja essencialmente masculino. Tais constatações nos remetem à hipótese de que talvez haja uma certa compensação de quantidade por qualidade, no sentido de que a presença da mulher, embora mais rara, quando aparece tem um efeito marcante. É interessante neste momento da pesquisa ver os que os críticos literários têm a dizer a respeito.

Embora alguns autores, como Suzette Henke (1990) e Moris Beja (1990), tenham se referido a uma postura avançada de Joyce a respeito do feminismo, eles se referiram basicamente a atitudes e vivências do autor, mais do que a seus escritos. Karen Lawrence (1994), por outro lado, observou nas mulheres de *Dubliners* uma posição de opressão pior que a dos homens, numa explicitação do tratamento comumente dado ao sexo feminino:

Women do not figure prominently in the majority of these stories. When they do, as in 'Eveline' and 'Clay', they display the general Dublin 'paralysis' of their male counterparts, but, like in 'Counterparts', these women suffer by being the oppressed of the oppressed (in ATTRIDGE, 1994: 245).

Um interessante estudo sobre o uso da memória em *Dubliners*, associando-a às epifanias joyceanas, foi feito por Rafaella Baccolini (1998), que chamou atenção para o fato de existirem dois tipos de memória, questão filosófica central entre os pensadores do começo do século XX:

For most of the philosophers and writers who dealt with the issue of memory at the turn of the century, habits hinder individual growth, but memory is nonetheless positive in its association with recognition. They seem to maintain, in fact, a distinction between different types of memories; they distinguish between a less valuable memory and a highly functional one, a distinction that to a certain extent had always been present in the debate on the art of memory. Henri Bergson, for example, distinguishes between a more limited (and limiting) and a spontaneous (almost superior) kind of memory" (in BOSINELLI; MOSHER Jr., 1998: 148-149).

Ao segundo tipo de memória mencionado pertencem a 'memória involuntária' de Proust e as epifanias de Joyce. Baccolini, referindo-se a *Dubliners*, partiu desse conceito para afirmar que:

If memory has an unsettling but still positive effect on Joyce's male protagonists, the situation is significantly different for his female characters, because in the author's particular use of memory his female characters are denied subjectivity. (in BOSINELLI & MOSHER Jr., 1998: 147-148).

Sempre afirmando ser a mulher instrumental apenas no processo de autoconhecimento masculino, sendo-lhe negada a revelação, a subjetividade e a possibilidade de mudança, Baccolini declarou:

Such gender difference emerges in Joyce's stories both thematically and structurally: because his female characters are mostly voiceless and conventional, their point of view, and hence their subjectivity, is hardly revealed (Ibid: 149).

Richard Brown (1990) parece concordar com a posição de Lawrence e Baccolini a respeito do discurso joyceano sobre mulheres, mas o vê numa outra perspectiva, na qual se pode considerar as mulheres que aparecem nos contos paralisadas, como Eveline, incapazes de agir por causa de suas inibições, ou como Maria em 'Clay', ou ainda explorada por homens como Corley, em 'Two Gallants', sugerindo uma intenção de denúncia por parte de Joyce:

Downtrodden they are, but the manner of their constraint, misled by vain, romantic longings and forced to sell themselves to the highest matrimonial bidder, suggests a kind of complaint against the social institutions governing the lives of women similar to that which many feminists have made (BROWN, 1990: 94).

Veremos a seguir que a Lingüística de Corpus vai apontar para algo diferente, ao examinar o discurso das mulheres em *Dubliners*. Com a ferramenta *Concord* foi possível examinarmos todas as concordâncias (711 ocorrências) em que *she* aparece como sujeito. Uma grande maioria (684 ocorrências) mostrou *she* como sujeito de verbos na voz ativa. Classificamos os verbos de tais concordâncias como **volitivos**, quando descreviam uma ação deliberada, **intelectivos**, quando se referiam a processos mentais ou operações de raciocínio e **afetivos**, quando exprimiam emoções ou sentimentos. Verificamos que a grande maioria desses verbos, predicados de *she*, não indicavam servilismo, subserviência ou opressão, como se observa da tabela a seguir, em que há flagrante predominância de verbos volitivos:

Tipo de verbos	Número de ocorrências	Porcentagem
volitivos	165 verbos distintos	99,4%
intelectivos	23 verbos distintos	100%
afetivos	14 verbos distintos	92,8%

Uma outra classificação permitiu-nos desconsiderar os verbos que, apesar de não terem conotações de opressão ou angústia, também não apontavam para um comportamento independente ou sentimentos positivos. Assim, listamos sob **conotação positiva** os verbos distintos que descreviam ações independentes, indicando mulheres desfrutando a vida e argumentando. Sob **conotação neutra**, listamos os verbos distintos, isto é, diferentes entre si, que não continham implicações quer de independência, quer de subserviência. E sob **conotação negativa**, aqueles verbos distintos que sugeriam atitudes submissas ou angústia. Chegamos então à seguinte tabela:

Conotação positiva	Conotação neutra	Conotação negativa
48,76%	42,29%	8,95%

Temos portanto um argumento objetivo e estatístico para discordar dos críticos e mostrar como a mulher em *Dubliners*, longe de ser “a oprimida dos oprimidos”, tem voz e poder deliberativo sobre sua vida e muitas vezes sobre as situações em que se encontra.

Um aspecto inesperado, ou cuja relevância foi até agora desconsiderada, é a influência da música nos contos de Joyce. A partir da lista de palavras-chave, obtida com a ferramenta *KeyWords* e utilizando os *corpora* de estudo e referência como definidos anteriormente, determinamos áreas semânticas que apresentavam três ou mais palavras. Dentre os grupos semânticos determinados, encontramos 17 termos relacionados à música. Fomos então em busca de textos críticos que tratassem de Joyce e musicalidade. Burgess (1965) lembrou que Joyce era um bom tenor, assim como seu pai, e que isso se refletiu em sua produção literária. Vizioli (1991) ressaltou a influência da música em Joyce, especialmente em *Ulysses*. Pouco foi comentado, no entanto, sobre a música em *Dubliners*. Algumas canções citadas na obra foram discutidas por Zack Bowen (1974) e consideradas esclarecedoras como motivações nas histórias, assim como possíveis símbolos metafóricos. Bowen dedicou um livro inteiro às alusões musicais nos trabalhos de Joyce. Referindo-se a *Dubliners*, afirmou:

As in the latter works, music is often used to orchestrate and reiterate existing themes, without really contributing new or vital links or thematic interpretations (BOWEN, 1974: 11).

Segundo Bowen, a música tem em *Dubliners* três funções mais comuns: ela pode reforçar um aspecto do tema, quando o tema da canção aludida se identifica com o do conto – como a ópera *The Bohemian Girl*, em “Eveline” e “Clay”, e *Cadet Russel* em “After the Race” – ; pode ter a função de apor um contraste irônico à ação – como em “The Dead”, com Tia Julia cantando *Arrayed for the Bridal*, que se refere a uma moça se preparando para casar, quando Tia Julia já estava com idade mais próxima de um funeral – e, finalmente, como no caso de “Araby”, a canção (do mesmo nome) pode inspirar o tema.

A Lingüística de Corpus desempenha aqui um papel fundamental por possibilitar uma observação minuciosa do contexto das palavras pertencentes ao campo semântico da música. O exame das concordâncias, com a ferramenta *Concord*, foi essencial para que se pudesse confirmar o sentido de algumas palavras homônimas, como *ball*, *play*, *piece* etc.

Examinando as concordâncias das palavras-chave relativas à música, pudemos também perceber-lhes a importância fundamental na tessitura de *Dubliners*. Contrariando a afirmação de Bowen (1974), de que a música teria apenas uma participação ‘periférica’, ela mostrou-se parte integrante da estrutura da obra. O que verificamos é que a música tem um papel mais fundamental na narrativa joyceana. Ela, entre outras atuações, define personalidades e estados de espírito. Em “An Encounter”, o menino narrador revela sua felicidade em estar livre das aulas na ação de marcar o ritmo de uma música imaginária:

The granite of the bridge was beginning to be warm, and I began to pat it with my hands
in time to an air in my head. I was very happy (JOYCE, 1996: 21).

Em “Two Gallants”, a música de uma harpa que acompanha os dois personagens principais, Corley e Lenehan, é descrita como “the mournful music following them” (JOYCE, 1996: 58); e essa música se ajustou tanto ao estado de espírito de Lenehan, quando ele é deixado sozinho, que chegou a dominar seus movimentos:

The air which the harpist had played began to control his movements. His softly padded
feet played the melody while his fingers swept a scale of variations idly along the
railings after each group of notes (JOYCE, 1996: 60).

Também pode ocorrer, em *Dubliners*, que a maneira de uma pessoa cantar represente, numa metonímia, o modo de ela ser e agir. Em “A Mother”, temos a observação do narrador acerca de Madame Glynn, cantora inglesa:

The poor lady sang Killarney in a bodiless gasping voice, with all the old-fashioned mannerism of intonation and pronunciation which she believed lent elegance to her singing” (JOYCE, 1996: 165).

Há aqui também uma crítica implícita sobre o fato de uma inglesa vir para a Irlanda cantar uma canção irlandesa, uma música que os irlandeses conheciam muito bem e em relação à qual podiam estabelecer comparações de desempenho. Logo, a música tem nesse caso uma função adicional de fazer referência a questões políticas, mostrando um sentimento nacionalista como um aspecto positivo, além de se mostrar como um dos elementos culturais irlandeses.

Joyce chega mesmo a fazer ironias musicais. Em “A Painful Case”, encontramos Mr. James Duffy, que gosta de música, mas não é capaz de mostrar solidariedade à sua própria amante. Examinemos a seguinte passagem:

His evenings were spent either before his landlady’s piano or roaming about the outskirts of the city. His liking for Mozart’s music brought him sometimes to an opera or a concert: these were the only dissipation of his life (JOYCE, 1996:120-1).

A ironia se faz notar pelo uso da palavra *dissipation*. É como se a ida à ópera ou a um concerto fosse para ele, em sua vida vazia, algo excepcional, chegando a ser considerado um prazer quase proibido ou imoral. Há ainda a sugestão de que Mr. Duffy não tolere a fraqueza e só admita a música de Mozart, freqüentemente considerado pelos apreciadores de música como perfeita. Essa posição é reforçada pela adesão de Duffy à filosofia de Nietzsche:

Some new pieces of music encumbered the music-stand in the lower room and on his shelves stood two volumes by Nietzsche: *Thus Spake Zarathustra* and *The Gay Science*” (JOYCE, 1996: 124-5)

O que sugere a adesão do personagem às idéias de autocontrole e auto-superação contidas na teoria do *Übermensch* (superhomem) do filósofo. Essa foi a razão de ter terminado seu caso ilícito: um aparente assomo de retidão, mas, na verdade, um real descaso pelos sentimentos da companheira. Assim que toma conhecimento da morte da antiga amante, sua reação é de revolta, repulsa:

The whole narrative of her death revolted him and it revolted him to think that he had ever spoken to her of what he held sacred (JOYCE, 1996: 128).

Joyce, porém, ironiza sua ‘respeitabilidade’ e enfatiza sua solidão. A mesma sensibilidade que o fez apreciar Mozart e trocar músicas com a amante o força finalmente a reconhecer sua culpa na morte (provável suicídio) da companheira, ação que parece mostrar que um apreciador de música não pode

permanecer para sempre insensível. Evolui de reflexões como: “Not merely had she degraded herself; she had degraded him” (JOYCE, 1996: 128) a outras bem diferentes: “One human being had seemed to love him and he had denied her life and happiness: he had sentenced her to ignominy, a death of shame” (JOYCE, 1996: 130).

A atmosfera de um conto freqüentemente se instala por meio do clima musical que se faz sentir. Em “Araby”, o ambiente de mercado nas ruas de Dublin é retratado com mais realismo com a introdução da música como parte do *background* primordialmente sonoro, por meio de um vocabulário ligado à música:

We walked through the flaring streets, jostled by drunken men, and bargaining women, amid the curses of labourers, the shrill litanies of shop-boys who stood on guard by the barrels of pig’s cheeks, the nasal chanting of street-singers, who sang a come-all-you about O’Donovan Rossa, or a ballad about the troubles in our native land (JOYCE, 1996: 31).

É interessante notar como as sensações auditivas são importantes nas descrições de Joyce. E mais uma vez a música é também veículo político, pois a balada faz referência ao herói nacionalista O’Donovan Rossa.

Há vários outros exemplos ainda que poderiam corroborar a importância da música na tessitura de *Dubliners*, mas acreditamos que esses exemplos sejam suficientes para ilustrar nossa posição.

A intenção deste trabalho foi a de mostrar como a Lingüística de Corpus pode contribuir para a análise literária. No primeiro caso, o estudo das concordâncias de *she* nos levou a perceber a estatura da mulher em *Dubliners* de um modo diverso do que havia sido percebido até então pelos estudiosos. Na análise da influência da música na obra, usamos a técnica de utilizar as informações da lista de palavras-chave, no caso a área semântica de palavras relacionadas à música, para voltar ao texto e procurar indícios de como a música se fazia presente no texto joyceano. É o tipo de pesquisa definida por Tognini-Bonelli (2001) como pesquisa direcionada pelo *corpus*, em que o exame dos dados estatísticos sugere caminhos de pesquisa e voltamos à leitura minuciosa do texto com uma idéia clara do que queremos investigar. É um processo de retro-alimentação, por assim dizer, bastante produtivo na investigação do texto literário. Uma outra maneira de se explorar a indicação fornecida pela Lingüística de Corpus, de que a música seria um elemento importante de se analisar, poderia ser observar as concordâncias das palavras presentes no grupo semântico de música. Mas preferimos optar pelo outro modo de pesquisa para

ilustrar as diferentes maneiras de se combinar a pesquisa com a Lingüística de Corpus e a análise textual mais tradicional.

BIBLIOGRAFIA

➤ Livros e artigos:

BACCOLLINI, Rafaella. **'She had become a memory'**: woman as memory in James Joyce's *Dubliners*. In: BOSNELLI, Rosa M.; MOSHER, Jr., Harold F. (Ed.). **Rejoycing**: New readings of *Dubliners*. Lexington: The University Press of Kentucky, p. 145-164, 1998.

BEJA, Morris. **James Joyce**: A literary life. Houndsmills, England: The Macmillan Press Ltd, 1992.

BERBER SARDINHA, Tony. **Lingüística de Corpus**. Barueri, SP: Editora Monole, 2004.

BOWEN, Zack. **Musical allusions in the works of James Joyce**. Albany: State University of New York Press, 1974.

BROWN, Richard. **James Joyce and sexuality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

BURGESS, Anthony. **ReJoyce**. New York: W. W. Norton & Company, 1965.

HENKE, Sezette A. **James Joyce and the politics of desire**. London: Routledge, 1990.

JOYCE, James. **Dubliners**. London: Penguin Popular Classics, 1996.

LAWRENCE, Karen. **Joyce and feminism**. In: ATTRIDGE, Derek (Ed.). **The Cambridge companion to James Joyce**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 237-258, 1994.

VIZIOLI, Paulo. **James Joyce e sua obra literária**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1991.

➤ Sites Eletrônicos:

Textos de **DUBLINERS**: Disponíveis em: <<http://gutenberg.net/dirs/etext01/dblnr11.txt>>

(acesso em 02/09/04)

Textos de D. H. Lawrence: : Disponíveis em: <<http://www.gutenberg.net.au/ebooks03>> (download em 31/03/04)

Textos de K. Mansfield: : Disponíveis em: <<http://www.gutenberg.net/etext/1429>> (acesso em 31/03/04) e <<http://www.digital.library.upenn.edu/women/mansfield.html>>

(acesso em 26/04/04)

Textos de V. Woolf: Disponíveis em: <<http://www.gutenberg.net.au/ebooks02>> (download em 31/03/04)

Programa WordSmith Tools: Disponível em: <www.lexically.net> (SCOTT, Mike. Oxford: Oxford University Press, 1996)